



O flamenco *à flor da pele*



BASEADO NA OBRA HOMÔNIMA DE FREDERICO GARCÍA-LORCA, 'BODAS DE SANGRE' TORNOU-SE UM CLÁSSICO DA DANÇA FLAMENCA

A **Compañía Antonio Gades**, a mais importante **companhia de flamenco do mundo**, retorna ao Brasil em junho para uma **temporada no Theatro Municipal e no Teatro Bradesco**, em São Paulo. Página 2

Cia Antonio Gades segue preservando o legado do coreógrafo que levou sua dança aos filmes de Carlos Saura

AFFONSO NUNES

A Compañía Antonio Gades, a mais importante companhia de flamenco do mundo, retorna ao Brasil em junho com dois pilares de seu repertório histórico: “Bodas de Sangre” e “Suite Flamenca”. As apresentações acontecem no Theatro Municipal, entre os dias 19 e 21, e no Teatro Bradesco, em São Paulo (23 e 24), com ingressos já à venda. Esta será a segunda passagem da companhia pelo país — a primeira ocorreu em 2019, quando percorreu cinco estados com o espetáculo “Fuenteovejuna”, passando pelo Rio e mais quatro capitais em turnê.

Criada pelo coreógrafo que redefiniu o papel do flamenco no século XX, a companhia chega ao Brasil trazendo obras que representam duas faces complementares de seu legado. De um lado, “Bodas de Sangre”, balé em seis cenas inspirado na obra homônima de Federico García Lorca, que em 2026 completa 52 anos de sua estreia no Teatro Olímpico de Roma. A montagem é considerada um monumento da dança e entrou para a história como uma das melhores traduções universais do universo lorquiano. A crítica do El País a descreve como “obra complexa, sintética, de risco vanguardista, que se mantém fiel ao universo lorquiano”, enquanto o ABC Cultura a define como “o Guernica da dança espanhola”, destacando a célebre luta final em câmera lenta como “uma imagem que se crava na retina do espectador”. Com 35 minutos de duração, a coreografia e iluminação são de Antonio Gades, com adaptação para balé de Alfredo Mañas, espaço cênico e figurinos de Francisco Nieva e música de Emilio de Diego.

“Suite Flamenca” é uma colagem de sete peças do cancionero tradicional — “Soleá”, “Farruca”, “Alegrías”, “Seguiriyá”, “Bulerías”, “Tanguillo” e “Rumba” — que Gades começou a construir a partir de 1963, quando iniciou sua carreira solo, e que cinco anos depois ganharam forma definitiva. A montagem revela um Gades inquieto e renovador, nas palavras do El País, e oferece ao público a chance de ver as raízes do que hoje se entende como flamenco narrativo e coreográfico. O El Mercurio recomenda: “Que as novas gerações assistam e possam compreender que não se trata apenas de sapatear incansavelmente ou fazer



A dança da luta é um dos momentos mais marcantes da coreografia de ‘Bodas de Sangre’

A mais pura expressão da cultura popular espanhola



‘Suite Flamenca’ é composta por coreografias criadas para sete clássicos do repertório flamenco

acrobacias.” Com 55 minutos sem intervalo, a coreografia e iluminação são de Antonio Gades, com coreografias adicionais (“Soleá”, “Bulerías” e “Tanguillo”) de Cristina Hoyos e

música de Solera, Gades y Freire.

Antonio Gades (1936-2004) nasceu em Elda, Alicante, e começou a dançar aos 15 anos, tornando-se primeiro bailarino do Ballet

Español de Pilar López antes de fundar sua própria companhia em 1963. Sua contribuição decisiva foi transformar o flamenco de exibição virtuosística em linguagem teatral

com densidade dramática — uma virada estética que influenciou gerações de coreógrafos dentro e fora da Espanha. Em parceria com o cineasta Carlos Saura, realizou a trilogia que levou o flamenco narrativo ao cinema mundial: “Bodas de Sangre” (1981), “Carmen” (1983) e “El Amor Brujo” (1986). Hoje a companhia é dirigida por Stella Arauzo, com suporte da Fundación Antonio Gades, criada em 2004 para preservar e difundir o acervo coreográfico do bailarino.

O flamenco é uma manifestação associada à Andaluzia, região ao sul da Espanha. Sua data de origem é incerta, mas historiadores costumam associá-la ao século XV, a partir da confluência de culturas cigana, moura, judia e andaluza. Cada grupo trouxe sua herança musical e até meados do século XIX, o flamenco era praticado em âmbito privado. A virada veio com os cafés cantantes, casas noturnas que profissionalizaram o canto, a dança e o violão flamenco como espetáculo público. Em 2010, o flamenco foi reconhecido como Patrimônio Cultural Imaterial da Humanidade pela UNESCO. Hoje, companhias como a de Antonio Gades e de María Pagés levam o flamenco narrativo aos maiores palcos do mundo, enquanto uma nova geração de coreógrafos — Israel Galván, Rocío Molina — empurra as fronteiras da linguagem com dança contemporânea e performance.

SERVIÇO

COMPANHIA ANTÓNIO GADES
Theatro Municipal (Praça Floriano s/nº - Cinelândia), de 19 a 21/6, sexta (19h), sábado (20) e domingo (15h)
Ingressos entre R\$ 50 e R\$ 2,7 mil, à venda em www.feverup.com

Daniel Ebendiger/Divulgação



Os solistas Manuela Roçado e Rodrigo Hermesmeier na montagem de 2024

O frescor e a leveza de sempre

Corpo de Baile e Orquestra Sinfônica do Theatro Municipal apresentam nova montagem da clássica 'Le Fille Mal Gardée', com coreografia do uruguaio Ricardo Alfonso

Depois de dois anos ausente da programação, o Theatro Municipal traz de volta um dos balés mais queridos do repertório clássico: "La Fille Mal Gardée", que estreia nesta quinta-feira (14) com o Corpo de Baile e a Orquestra Sinfônica da casa. A montagem, concebida e coreografada pelo uruguaio Ricardo Alfonso, marca o retorno de uma obra que, desde sua criação em 1789, continua conquistando plateias ao redor do mundo por sua mistura única de técnica refinada e humor.

A história é simples e universal: Lisa, filha de uma rica proprietária de fazenda, apaixonou-se pelo cam-



Daniel Ebendiger/Divulgação

ponês Colas. A mãe, Simone, tem outros planos — quer casar a filha com Alan, filho do abastado Thomas. O que se segue é uma sequên-

A montagem reúne todos os integrantes do Corpo de Baile do Municipal



Divulgação

O uruguaio Ricardo Alfonso assina a coreografia desta montagem

cia de encontros, mal-entendidos e reviravoltas que culminam no triunfo do amor verdadeiro.

Criado originalmente por Jean Dauberval no Grand Théâtre de Bordeaux, o balé foi reinterpretado por gerações de coreógrafos, incluindo o russo Marius Petipa, que apresentou sua versão em São Petersburgo em 1885. A partitura de Ferdinand Hérold, nascida como colagem de diferentes peças musicais do século XVIII, ganhou novas roupagens ao longo do tempo, mantendo sempre sua leveza e frescor.

A versão de Alfonso enfatiza a expressão facial e a interpretação como ferramentas principais para comunicar as emoções dos personagens. Segundo Hélio Bejani, diretor do Ballet do Municipal, essa abordagem permite que o público não apenas compreenda a narrativa, mas se comova com ela.

O maestro Jésus Figueiredo, que rege a orquestra, destaca a curiosa trajetória da partitura: composta ori-

ginalmente como uma colagem de músicas diferentes, ela foi sendo re-trabalhada por vários compositores até chegar à forma conhecida hoje.

A montagem reúne o Corpo de Baile completo do Municipal com solistas como Manuela Roçado e Rodrigo Hermesmeier. O cenário é de Carla Marins, que assina a direção de arte. O elenco também inclui Juliana Valadão e Cícero Gomes, primeiros bailarinos da casa.

A remontagem reafirma o poder que o balé clássico tem de dialogar com públicos contemporâneos, especialmente quando a coreografia prioriza a humanidade dos personagens.

SERVIÇO

LA FILLE MAL GARDÉE

Theatro Municipal (Praça Floriano, s/nº — Cinelândia) 13/5 (ensaio geral) às 19h | 14, 15, 16, 20, 21, 22, 23/5, às 19h | 17, 24/5, às 17h | 19/5, às 14h (Projeto Escola) | Ingressos a partir de R\$ 30

A redenção **cheira a Diesel**

‘Veloze & Furiosos’, franquia que renovou o combustível do cinema de ação ao faturar US\$ 7,4 bilhões, ganha homenagem no Palais des Festivals, comemorando 25 anos de sua estreia



RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Passada uma cerimônia de abertura à francesa, com “La Vénus Électrique”, o 79º Festival de Cannes engata a marcha de sua competição oficial a partir desta quarta-feira (13), com sessões de “Nagi Notes”, de Koji Fukada, e “La Vie d’Une Femme”, de Charline Burgeois-Tacquet, que têm fortes chances de serem ofuscados por um resgate histórico. Às 23h45 do horário francês, o Grand Théâtre Lumière, a maior das salas do Palais des Festivals, revisita “Veloze e Furiosos” (2001), numa comemoração dos 25 anos de uma das franquias mais rentáveis da História. O faturamento total da saga, de 2001 a 2023, beira US\$ 7,4 bilhões.

O ator Mark Sinclair Vincent, celebrado como Vin Diesel, é o cabeça dessa operação. Ele, mais as atrizes Jordana Brewster e Michelle Rodriguez; mais o produtor Neal H. Moritz; mais Meadow Walker, filha do finado ator Paul Walker, marcarão presença na sessão, numa forma de celebrar essa cine-série,



Divulgação

Um Vin Diesel a belo canto encontrou seu lugar de consagração com ‘Veloze e Furiosos’, 25 anos atrás

cujo próximo filme, “Fast Forever”, ficou para 2028.

Em 22 de junho de 2001, a Universal Pictures lançou “The Fast and the Furious” (título original do primeiro), ambientando-se no universo das corridas de rua de Los Angeles. Especulou-se à época que seria um arremedo de “Caçadores de Emoção” (1991), mas nasceu um cult dos mais particulares para o cinemão de pancadaria, sob a direção de Rob Cohen (cineasta por trás de “Daylight” e “Coração de Dragão”). Vin Diesel, que vinha de “O Resgate do Soldado Ryan”, lá

de 1998, emplacou o ladrão de automóveis e bamba de “pegas” Dominic Toretto. Walker, que morreu em 2013, atuava como o agente da Lei Brian O’Conner. Jordana Brewster era Mia, irmã do grandalhão Toretto. Michelle Rodriguez vivia um ás do volante, Letty, amor do personagem de Diesel. Ao longo de onze filmes que alimentaram a paixão de um público ardoroso, a grife “Veloze & Furiosos” ajudou a manter o cinema de ação recauchutado. Astros como Tyrese Gibson, Ludacris, Sung Kang e Gal Gadot bombaram ali. Até o ferrabrás Ja-

son Statham e o eterno The Rock, Dwayne Johnson, juntaram-se a esse coletivo, além de Helen Mirren, Charlize Theron e Kurt Russell. Jason Momoa é o vilão da vez.

Ultrapassando os limites do cinema, a saga “Fast & Furious” transformou-se em um verdadeiro fenômeno da cultura pop. Sua longevidade deu origem a um universo em constante expansão, que inclui brinquedos, videogames, uma série animada e o bem-sucedido derivado “Hobbs & Shaw”, com Statham e Dwayne.

“Sinto-me um vencedor ao per-

ceber que um projeto ao qual me engajei com o sonho de ir até o décimo filme, que é a série ‘Veloze...’, deu certo, mais do que a indústria esperava, e provou o quanto estava certo em acreditar na evolução de personagens ao longo do tempo. Por isso, eu sempre volto às franquias, para refiná-las”, disse Diesel no Brasil, quando visitou o Rio.

No Festival de Berlim de 2020, a diva Helen Mirren, sua parceira em “Fast + Furious”, elogiou o colega, dizendo “Vin é um astro com A maiúsculo, com múltiplos talentos”.

A **diva autoral** brilha em justa homenagem

Realizadora Claire Denis recebe prêmio honorário na abertura da Quinzena dos Cineastas

Nesta quarta-feira (13) começa a mostra paralela mais consagrada de Cannes, a Quinzena de Cineastas, que será aberta com um tributo à diretora francesa Claire Denis. Aos 79 anos, essa artesã da autoridade receberá o troféu honorário Carroça de Ouro, pelo conjunto de sua obra, em meio às suas andanças pelo planeta com “A Cerca” (“Cri des Gardes”), seu mais recente exercício criativo por trás das câmeras.

A láurea foi criada em 2002, como um estímulo à liberdade na criação, e já foi confiada a um rol de

transgressores: Jacques Rozier, Clint Eastwood, Nanni Moretti, Ousmane Sembène, David Cronenberg, Jim Jarmusch, Naomi Kawase, Agnès Varda, Jafar Panahi, Jane Campion, Jia Zhangke, Martin Scorsese, John Carpenter, Souleymane Cissé, Andrea Arnold, Todd Haynes e o documentarista Frederick Wiseman. Claire tem no currículo outras láureas de peso. Cultuada por “Nette e Boni” (ganhador do Leopardo de Ouro no Festival de Locarno, em 1996) e “Bom Trabalho” (vencedor de menção especial na Berli-

nale de 2000), ela passou pelo Festival do Rio, presencialmente, em 2013, quando lançou “Les Salauds” (“Bastardos”), nas Américas.

Em sua vinda, aproveitou também para reencontrar familiares que vivem no Brasil. A sua vida sempre foi de trânsito constante entre continentes, e o cinema que constrói — em títulos como “Stars at Noon”, condecorado com o Grande Prêmio do Júri de Cannes em 2022 — é, de algum modo, “autogeográfico”.

Cannes segue até o dia 23 de maio. (R. F.)



Jorge Fuembuena/SSIFF

Aos 79 anos, a diretora francesa Claire Denis receberá a Carroça de Ouro de Cannes

Substância da reinvenção

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Ao assumir seu posto no júri de Cannes, sob a presidência do sul-coreano Park Chan-wook, Demi Moore terá o gostinho de saborear a cidade onde sua carreira renasceu. Aos 63 anos, envolvida na série da Paramount + “Landman”, a atriz só fez colecionar aplausos e elogios desde que “A Substância” (“The Substance”) – hoje na MUBI – passou pela Croisette, em meio de 2024, em competição. Saiu de lá com o prêmio de Melhor Roteiro. Nos meses seguintes, deu à sua estrela um Globo de Ouro e uma indicação ao Oscar. É o trabalho de maior destaque de sua carreira em décadas. É um dos filmes de gênero de maior impacto social da década.

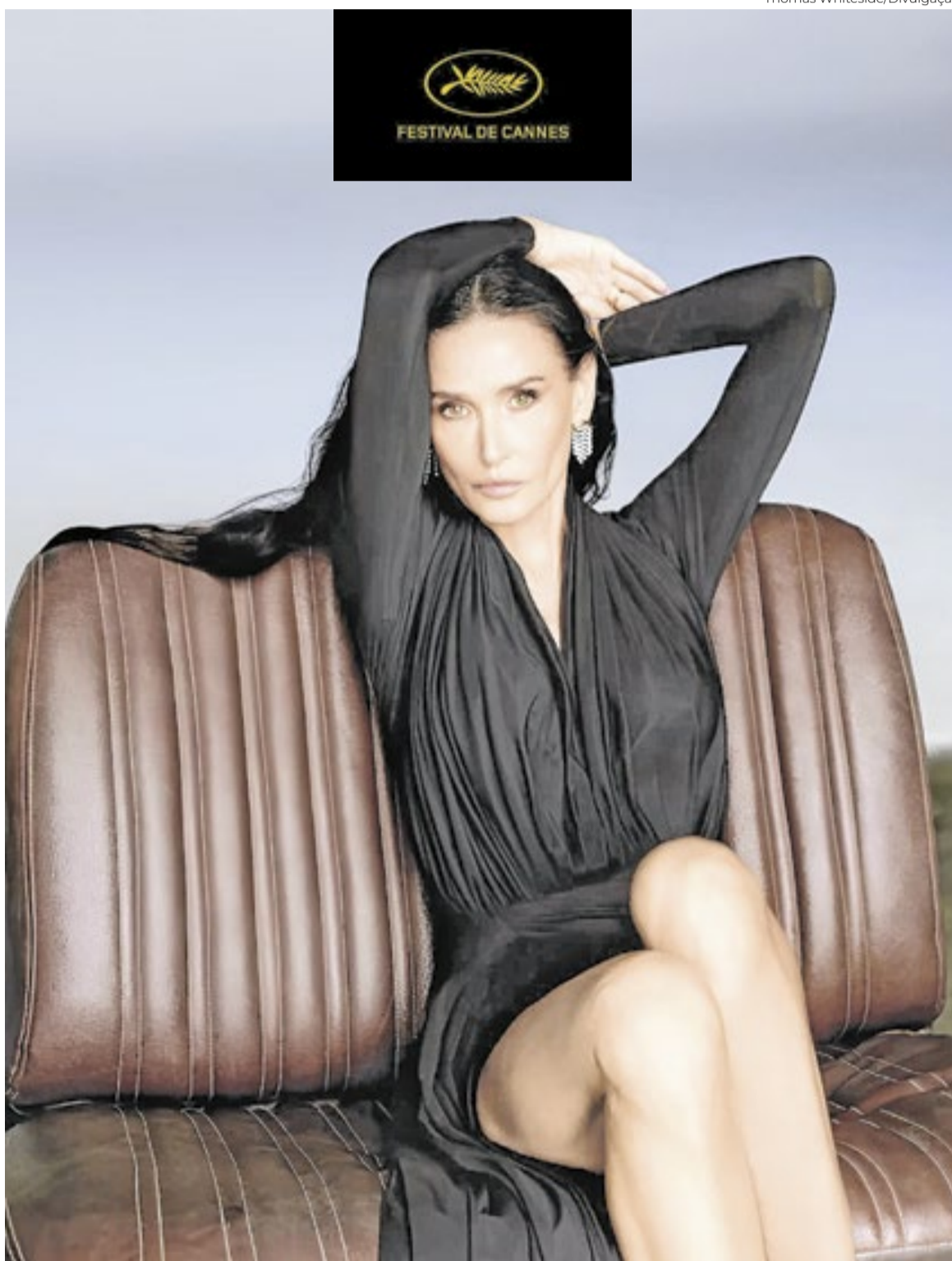
Ao justificar os atrativos do script escrito pela cineasta Coralie Fargeat que a levaram, então com 61 anos, a participar de um projeto sobre decadência (profissional, física e moral), Demi cita o desejo de aceitação que rege a sociedade do espetáculo:

“É uma história que me fez celebrar o que sou e fugir do que não sou, ao explorar a sensação de envelhecer e mostrar como podem ser diferentes as formas de as pessoas olharem para si”, disse a estrela de “Ghost – Do Outro Lado Da Vida” (1990) em entrevista via Zoom, promovida pela organização de correspondentes de imprensa estrangeira por trás do troféu Globo de Ouro, para a qual o Correio da Manhã foi convidada. “Fiquei assustada ao ler o projeto e ele me tirou da zona de conforto”.

Desde “Até O Limite Da Honra” (1997), Demi não conseguia um papel que mexesse tanto com as plateias quanto a protagonista de “A Substância”. A figura emocionalmente destrocada da musa fitness Elisabeth Sparkle devolveu a ela o prestígio popular - tamanho GG - de que desfrutou nos anos 1980 e 90. Em maio, esse body horror de Coralie (cineasta francesa antes conhecida pelo thriller “Vingança”) fez sua primeira projeção pública, na telona do Festival de Cannes, e lá botou a Europa no bolso, saindo da Croisette com o prêmio de Melhor Roteiro. Desde então, a produção, orçada em US\$ 17,5 milhões, faturou US\$ 77 milhões em circuito exibidor, e ampliou a audiência da plataforma MUBI.

“Vejo que ‘A Substância’ virou uma experiência cinéfila de tela grande, com gente que vê o filme duas, três vezes”, diz a atriz, que assumiu uma luta afetiva em prol de seu ex-marido, o ator Bruce Willis, sumido das telas depois do diagnóstico de afasia.

Indicada ao Oscar por cult de terror que Cannes revelou em 2024, a atriz Demi Moore volta ao festival francês, agora para integrar o júri oficial



Thomas Whiteside/Divulgação

Aos 63 anos, a atriz assume posto no júri da Palma de Ouro do festival de Cannes

“Tudo era muito seco nesse enredo, que aborda o anseio que temos por amor, pela aceitação do próximo. É um olhar sobre profundidades e superficialidades”

DEMI MOORE

Na mesma coletiva digital, Coralie explicou ao Correio que não esperava a adesão de Moore quando enviou o roteiro a seus agentes, acreditando que Demi era um nome grande demais para uma empreitada independente. A qualidade de

sua escrita seduziu-a.

“É bom ver que ‘A Substância’ mobiliza um público feminino que não costuma ser muito aberto ao terror”, disse a cineasta.

Com destreza invejável, Coralie narra a bizarra metamorfose

por que Sparkle passa ao aceitar se submeter a um experimento. Ao ser desligada da emissora onde brilhava num programa de aeróbica, a mando de um executivo de hábitos grotescos (Dennis Quaid, hilário em cena), ela recebe um convite para

provar de uma fórmula sintética capaz de rejuvenescê-la. Sem nada a perder, Sparkle prova do tal líquido (injetável) e passa por uma dolorosa mutação que a torna uma moça bem jovem. Essa figura, vivida pela ótima Margaret Qualley (de “Stars At Noon” e da série “Maid”), ganha o nome de Sue.

A exuberância em seu olhar e sua fluidez na ginástica fazem dela uma coqueluche midiática, tomando o posto que era de Sparkle. As duas deveriam ser uma só, mas elas acabam por desenvolver personalidades (e vontades) distintas, numa fratura de psique. É Médica e Monstra, Dra. Jekyll e Mrs. Hyde.

“Tudo era muito seco nesse enredo, que aborda o anseio que temos por amor, pela aceitação do próximo”, diz Demi. “É um olhar sobre profundidades e superficialidades”.

A rachadura entre Sparkle e Sue é parte de uma contraindicação do tal soro de “A Substância”. O certo era que elas trocassem de lugar, sempre, a cada sete dias, injetando-se novas doses. Se essa exigência de data não é cumprida, efeitos nefastos ocorrem. O mais simples deles é o aumento da agonia no processo de morfismo delas e o apodrecimento de extremidades, a começar pelos dedos da mão. Há consequências mais graves, como a escassez gradual da lucidez e a aparição de sequelas físicas, com marcas, pústulas, queda de dentes e outros tipos de mutações que caminham para a monstruosidade. Assim, o que começa como um tenso estudo filosófico da vaidade descamba (com vigor) para um terror acelerado, numa metáfora para as criaturas que brotam das faltas de limite no hedonismo nosso de cada dia.

“Busquei criar uma experiência visual para as transformações corporais que fosse calcada na imagem e no som, sem palavras”, diz Coralie ao Correio. “O maior desafio era encontrar atrizes icônicas que topassem enfrentar a fobia de ficar decadente. Trouxe referências de ‘A Mosca’, de ‘Scanners’, de ‘Réquiem Por Um Sonho’, de ‘O Enigma Do Outro Mundo’, e o banho de sangue de ‘Carrie, A Estranha’. Enquadro toda hora corredores intermináveis, para transmitir a sensação de um ambiente do qual não se pode fugir”.

Graças a esses engenhos narrativos, “A Substância” renovou os laços de Cannes com a indústria ao provar seu papel de recauchutar carreiras. Além de Demi e de Chan-wook, fazem parte do júri de Cannes a cineasta belga Laura Wandel e a diretora chinesa Chloé Zhao, o realizador do Chile Diego Céspedes, a atriz etíope-irlandesa Ruth Negga, o ator da Costa do Marfim Isaach de Bankolé, o roteirista escocês Paul Laverty e o ator sueco Stellan Skarsgård.



A cenografia recorre a caixas de papelão que guardam as memórias de Zélia Gattai, que começou a escrever aos 63 anos

Quando Luciana Borghi decidiu se mudar para a Bahia para estudar a vida de Zélia Gattai, ela não imaginava que dez anos depois estaria celebrando nos palcos um amor do tamanho da Bahia, ou melhor do Brasil. “Na Casa do Rio Vermelho – O Amor de Zélia e Jorge”, monólogo escrito e dirigido por Renato Santos, está em cartaz no Centro Cultural Justiça Federal (CCJF).

O projeto nasceu em 2016, no centenário de Zélia Gattai, e estreou no próprio Memorial da Casa do Rio Vermelho, em Salvador. Desde então, a interpretação de Luciana ganhou camadas — a atriz conta que passou a habitar aquelas memórias, não como visitante, mas como quem realmente conhece cada detalhe daquele universo. A atriz entrevistou amigos da família, criou vínculos com os descendentes de Jorge Amado e Zélia, e transformou essa vivência em cena. “Precisava vivenciar aquele universo, a casa, não como visita, mas como quem habita aquelas memórias”, comenta.

A dramaturgia é uma imersão nos 56 anos de casamento entre Zélia Gattai e Jorge Amado, dois dos nomes mais importantes da literatura brasileira. Mas o foco está em Zélia — a mulher que começou a escrever aos 63 anos e se tornou uma das maiores memorialistas do país, autora de obras como “Anarquistas, Graças a Deus” e “A Casa do Rio Verme-

Uma casa e as memórias de um amor sem fim

Monólogo com Luciana Borghi leva ao palco as lembranças de Zélia Gattai e sua relação com Jorge Amado

lho”. No palco, Luciana dá voz a essa Zélia contadora de histórias, que por vezes se confunde com as personagens icônicas criadas por seu marido: ora apaixonada como Dona Flor, ora guerreira como Tereza Batista.

A estrutura da montagem se apoia nos próprios livros de Zélia, mantendo um formato de narrativa direta de lembranças emocionais. A música é elemento central — o repertório evoca o universo sonoro que preenchia a

Casa do Rio Vermelho, um espaço que foi coração da cultura brasileira no século XX. Por lá passaram Pablo Neruda, Tom Jobim, Vinícius de Moraes... A trilha revela os estados de espírito de Zélia e o espírito de seu tempo.

O cenário, também assinado por Renato Santos, reforça o tom de recordação: caixas de papelão espalhadas pelo palco guardam objetos que evocam a vida do casal — máquinas de escrever, discos de vinil, fotografias. O figurino, criado por Goya Lopes, é inspirado nos bordados que Zélia apreciava, resultado de pesquisas sobre os países que ela e Jorge visitaram juntos. Cada detalhe contribui para transportar o público até aquela residência em Salvador, onde Zélia viveu por 40 anos.

Paloma Amado, filha dos escritores, testemunhou essa transformação. “Surge Luciana/Zélia com a mesma doçura, a mesma força, o mesmo rosto delicado. É uma felicidade que o público possa conhecer mais de minha mãe pelas mãos e sensibilidade da Luciana”, afirma.

A peça funciona como um reencontro com a memória afetiva brasileira. Zélia Gattai, que faleceu em 2008, ganha nova vida no palco através de Borghi, permitindo que gerações que não a conheceram possam acessar sua história, sua voz, seu humor e sua inteligência.

SERVIÇO

NA CASA DO RIO VERMELHO: O AMOR DE ZÉLIA E JORGE

Centro Cultural Justiça Federal - CCJF (Av. Rio Branco, 241, Centro)
Até 24/5, aos sábados e domingos (16h)
Ingressos: R\$ 60 e R\$ 30 (meia)

“É uma felicidade que o público possa conhecer mais de minha mãe pelas mãos e sensibilidade da Luciana”

PALOMA AMADO

Fofo, MA NON TROPPO

AFFONSO NUNES

Arquiteto de canções, Chico César retorna às fundações. Após exploraram diferentes paisagens sonoras em seus trabalhos anteriores, o paraibano lança “Fofo”, seu décimo primeiro álbum de estúdio, que pode ser definido como um edifício musical erguido sobre a argamassa de suas origens. Pela primeira vez, o artista volta a dar voz a composições ainda da adolescência, escritas entre os 16 e 20 anos, quando morava em João Pessoa.

“Fofo foi gravado em formato voz e violão, o mesmo de “Aos Vivos” (1995), seu álbum de estreia que consolidou sua presença no cenário brasileiro e internacional. Mas há uma diferença crucial na construção: enquanto “Aos Vivos” foi gravado ao vivo em apresentação, “Fofo” foi gravado ao vivo no estúdio, sem coberturas adicionais. Chico não se exime da vulnerabilidade das composições, como se cada nota fosse um tijol? exposto da estrutura erguida.

O trabalho reúne 16 faixas, todas autorais, incluindo três parcerias que funcionam como vigas de sustentação: uma com Pedro Osmar, outra com Paulo Ró (ambos integrantes do Jaguaribe Carne) e uma terceira com a escritora nigeriana Chimamanda Ngozi Adichie. É desta última que surge a faixa-título. Chico retirou do romance “Americanah” (2013) um mote que sintetiza a tensão do álbum: “Eu não quero ser fofo, eu quero ser a porra do amor de sua vida”. Trocando em míúdos, essa fofura tem a casca fina.

A atmosfera do álbum remonta ao experimentalismo e a uma certa angústia típica da juventude, trazendo aos dias de hoje as inquietações políticas, existenciais e artísticas de Chico no período em que foram compostas. Há faixas que dialogam com o universo erudito, como “Esclarião”, onde o violão de Chico trabalha camadas harmônicas complexas.

A motivação para este retorno veio de uma turnê recente. Chico revela que estava em

Em seu 11º álbum de estúdio, Chico César ergue um edifício musical que tem suas origens paraibanas como argamassa



José de Holanda/Divulgação



Em ‘Fofo’, Chico César preenche uma lacuna de sua trajetória como compositor ao resgatar as canções escritas em sua fase paraibana, antes do sucesso conquistado em São Paulo e no Brasil

estrada apresentando seu primeiro álbum quando percebeu que aquele repertório deixava de fora as canções da fase paraibana. O novo disco funciona, portanto, retoma uma história interrompida, aproximando o ouvinte do jovem e inquieto artista que começava a se desenvolver como compositor.

A escolha de gravar num único take e sem camadas de produção reposiciona o trabalho no contexto da carreira do cantor e compositor. Se álbuns como “Vestido de Amor” (2022) e “Ao Arrepio da Lei” (2024) exploraram arranjos mais densos e muitas colaborações, “Fofo” nasce com uma austeridade formal que permite que as composições respirem por si mesmas. É como se o artista tivesse removido o reboco da onra para deixar à vista a estrutura bruta do edifício.

Cronista da vida brasileira em suas canções, Chico César nasceu Francisco César Gonçalves em Catolé do Rocha, no interior da Paraíba. Aos 16 anos, mudou-se para a capital João Pessoa, onde se formou em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba.

Já em São Paulo, Chico foi apresentado ao Brasil em 1995 com o álbum “Aos Vivos”, que o projetou nacionalmente. Suas composições carregam crítica social, humor e lirismo. São pop, com as influências do folclore nordestino nunca foram deixadas de lado. Faixas como “Mama África” e “À Primeira Vista” fizeram dele um compositor respeitado, sendo posteriormente gravado por nomes como Maria Bethânia, Geraldo Azevedo, Daniela Mercury, Itamar Assumpção, Lucas Santtana, Ana Carolina e Zeca Baleiro. Representante de uma geração de artistas contemporâneos dos anos 1990, Chico César desenvolveu uma linguagem própria que dialoga com a tradição da música popular brasileira, sem se filiar a movimentos específicos. Sua obra encontrou distribuição e reconhecimento significativo fora do Brasil, notadamente nos Estados Unidos e Europa.

“Fofo” está disponível no YouTube, com lançamento previsto para as demais plataformas de streaming.

Conhecimentos ancestrais amazônicos

Cerâmica de Maruanum, no Amapá, chega em exposição que reúne trabalhos de 26 artesãs e artesãos do povoado

Fotos/Oscar Liberal/Divulgação



Dona Marciana com a louceira Castorina: saberes passados de geração em geração

AFFONSO NUNES

A cerâmica feita em Maruanum, distrito rural do Amapá a 80 km de Macapá, chega ao Rio pela primeira vez na exposição que funciona como vitrine para um pedido maior: o reconhecimento do ofício como patrimônio imaterial do Brasil. “Filhas e netas da Mãe do Barro: as louceiras de Maruanum” abre no próximo dia 30 de abril, às 17h, no Museu de Folclore Edison Carneiro, reunindo 208 peças que documentam uma tradição que mistura conhecimentos indígenas, práticas africanas e a biodiversidade amazônica.

Atualmente, apenas 26 pessoas

sabem fazer a louça do Maruanum — 20 mulheres, 2 homens e 4 crianças. O ofício é historicamente feminino, mas a pesquisa de campo de outubro de 2025 revelou uma mudança: dois meninos aprendem a técnica e expressam orgulho pela prática. Um homem deixou de fazer louça após quebras sucessivas; outro não assume o ofício por constrangimento.

O processo criativo desses artistas envolve um sistema complexo: barro do solo amazônico, cinzas da queima da casca da árvore caripé e resina de jatobá. Cada etapa segue regras precisas, especialmente na retirada do barro e na queima. O momento ritual mais importante acontece após extrair o barro: as mulheres modelam pequenas peças e as depositam no buraco de origem,



Placas no caminho para o distrito de Maruanum, na área rural do Amapá

em oferecimento à “mãe do barro”. Agradecem, pedem proteção para a queima e cantam versos de marabaixo — expressão cultural amapaense que integra crenças indígenas e africanas.

A exposição é resultado de quase 15 anos de articulação. A sazonalidade da produção e as dificuldades logísticas foram obstáculos significativos. A pesquisadora Célia Costa, do Instituto Federal do Amapá acompanha desde 2011 o trabalho dessas artesãs. A mestra Marciana Dias, de 85 anos, é a guardiã dessa tradição.

O pedido de registro como patrimônio imaterial, protagonizado pela comunidade, é a primeira etapa formal de salvaguarda. Michel Bueno Flores da Silva, superintendente do Iphan no Amapá, destaca que o reconhecimento “assegura a salvaguarda desse saber e reposiciona o Amapá no cenário nacional, garantindo instrumentos concretos de proteção — como a defesa dos territórios de coleta e a transmissão intergeracional do ofício”.

SERVIÇO

FILHAS E NETAS DA MÃE DO BARRO

Museu de Folclore Edison Carneiro (Rua do Catete, 179) Até 1/7, de terça a sexta (10h às 18h), Sábados, domingos e feriados (11h às 17h) Entrada franca



Panelas de barro de diversas formas se destacam na exposição



Cerâmicas coloridas estão entre as peças expostas

Francisco Moreira da Costa/Divulgação